LOGEION
Filosofia da Informação

ARTIGO

DOI: https://doi.org/10.21728/logeion.2026v13n1e-7939

Data de submissão: 10/04/2026 Data de aprovação: 26/06/2026 Data de publicação: 02/11/2026

# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO NOVO MARCO EPISTÊMICO À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

## interseções conceituais para a Insurreição da Linguagem

**Solange Puntel Mostafa**[1]
Universidade de São Paulo
deisesabbag@usp.br

**Ednéia Silva Santos**[2]
Universidade de São Paulo
emailAutor1@dominio.com

**Deise Sabbag**[3]
Universidade de São Paulo
deisesabbag@usp.br

**Resumo**

O artigo explora as ideias de Michel Foucault e sua aplicação ao contexto contemporâneo da inteligência artificial (IA). Com o objetivo de elaborar teoricamente, criticamente e filosoficamente o que nominamos de novo marco epistêmico para a inteligência artificial. O método é de ensaio acadêmico de cunho teórico, com pesquisa bibliográfica. Começa discutindo a importância da História, conforme abordada por Foucault em seu livro "As palavras e as coisas", destacando a evolução do conhecimento ao longo dos séculos, desde a Renascença até o século XIX. As elaborações das ideias de Foucault sobre as forças e formas, como a "forma-Homem", e como essas formas são influenciadas por forças externas. Aborda também a crítica de Foucault ao humanismo e sua preferência pelas noções de força e forma em vez de funções psicológicas superiores. Além disso, menciona a importância de Deleuze na interpretação e expansão das ideias de Foucault, especialmente no que diz respeito à morte de Deus e à criação de novas formas de humanidade. No contexto da IA, argumenta-se que essa tecnologia representa um novo marco epistêmico, desafiando a relação tradicional entre vida e morte e criando formas de existência. A IA é vista como uma força externa que ameaça as formas humanas tradicionais, abrindo caminho para novas possibilidades e desafios éticos. Conclui-se com reflexões sobre a insurreição da linguagem como uma resposta possível ao domínio crescente da IA e do capitalismo financeiro, sugerindo que a poesia e a literatura podem ser meio de resistir a essas novas formas de controle e abstração tecnológica, na teorização de Franco Berardi e Félix Guattari.

**Palavras-chave:** Michel Foucault; inteligência artificial; insurreição da linguagem; finito ilimitado; Deleuze e Guattari.

[1] Professora Doutora Sênior do Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP).

[2] Professora Doutora no Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Atua na graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação e na pós-graduação em Ciência da Informação (ECA/USP).

[3] Professora Doutora no Departamento de Educação, Informação e Comunicação (DEDIC) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Atua na graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação e na pós-graduação em Ciência da Informação (ECA/USP). Também na pós-graduação em Ciência da Informação da UNESP em Marília.

Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0).

# ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS A NEW EPISTEMIC FRAMEWORK FOR INFORMATION SCIENCE:

Conceptual Intersections for the Insurrection of Language

**Abstract**

The article explores Michel Foucault's ideas and their application to the contemporary context of artificial intelligence (AI). It begins by discussing the importance of History, as addressed by Foucault in his book "Words and Things", highlighting the evolution of knowledge over the centuries, from the Renaissance to the 19th century. An analysis of Foucault's ideas about the forces and forms, such as the "Man-form", and how these forms are influenced by external forces. It also addresses Foucault's criticism of humanism and his preference for the notions of force and form instead of higher psychological functions. Furthermore, it mentions Deleuze's importance in interpreting and expanding Foucault's ideas, especially with regard to the death of God and the creation of new forms of humanity. In the context of AI, it is argued that this technology represents a new epistemic milestone, challenging the traditional relationship between life and death and creating forms of existence. AI is seen as an external force that threatens traditional human ways, paving the way for new possibilities and ethical challenges. It concludes with reflections on the insurrection of language as a possible response to the growing dominance of AI and financial capitalism, indicating that poetry and literature can be means of resisting these new forms of control and technological abstraction, as theorizing by Franco Berardi and Félix Guattari.

**Keywords:** Michel Foucault; artificial intelligence; language insurrection; the unlimited limit; Deleuze e Guattari.

# LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL COMO NUEVO MARCO EPISTEMOLÓGICO DE LA CIENCIA DE LA INFORMACIÓN

intersecciones conceptuales para la insurrección del lenguaje

**Resumen**

El artículo analiza las ideas de Michel Foucault y su aplicación al contexto contemporáneo de la inteligencia artificial (IA). Su objetivo es desarrollar, desde un punto de vista teórico, crítico y filosófico, lo que denominamos un nuevo marco epistémico para la inteligencia artificial. El método es el del ensayo académico de carácter teórico, con investigación bibliográfica. Comienza discutiendo la importancia de la Historia, tal y como la aborda Foucault en su libro «Las palabras y las cosas», destacando la evolución del conocimiento a lo largo de los siglos, desde el Renacimiento hasta el siglo XIX. Se analizan las ideas de Foucault sobre las fuerzas y las formas, como la «forma-Hombre», y cómo estas formas se ven influidas por fuerzas externas. También se aborda la crítica de Foucault al humanismo y su preferencia por las nociones de fuerza y forma en lugar de las funciones psicológicas superiores. Además, menciona la importancia de Deleuze en la interpretación y expansión de las ideas de Foucault, especialmente en lo que respecta a la muerte de Dios y a la creación de nuevas formas de humanidad. En el contexto de la IA, se argumenta que esta tecnología representa un nuevo hito epistémico, desafiando la relación tradicional entre vida y muerte y creando formas de existencia. La IA se considera una fuerza externa que amenaza las formas humanas tradicionales, abriendo el camino a nuevas posibilidades y retos éticos. Se concluye con reflexiones sobre la insurrección del lenguaje como una posible respuesta al dominio creciente de la IA y del capitalismo financiero, sugiriendo que la poesía y la literatura pueden ser un medio para resistir a esas nuevas formas de control y abstracción tecnológica, según la teoría de Franco Berardi y Félix Guattari.

**Palabras clave:** Michel Foucault; Inteligência Artificial; Insurrección del lenguaje; Finito-Ilimitado; Deleuze y Guattari.

## 1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade, marcadamente por meio da revolução tecnológica, impulsionada pela Inteligência Artificial (IA), desafia as concepções tradicionais de conhecimento, poder e subjetividade. Nesse cenário, as ideias foucaultianas oferecem elementos e subsídidos teóricos, analíticos e epistêmicos para analisar criticamente essas transformações. Foucault (1992), em sua obra, "As palavras e as coisas" propõem uma abordagem arqueológica e genealógica do saber, destacando as **forças** e as **formas** que moldam o **sujeito** e a **organização do conhecimento** ao longo da história. No contexto da Inteligência Artificial (IA), essas noções se tornam fundamentais, pois corroboram para a compreensão de como os modos de existência maquínicos desenvolvem-se impactando e reescrevendo, redefinindo e reorganizando práticas informacionais e culturais.

Analisa-se a crítica de Foucault ao humanismo e suas consequências na subjetividade nas práticas de curadoria digital e automação da informação. E, como as forças e formas, conforme discutido por Foucault, e mais tarde desenvolvido por Berardi (2020) e Lazzarato (2014), influenciam os sistemas algorítmicos que organizam o conhecimento na era da IA. Propõem uma reflexão sobre a **insurreição da linguagem** e a **resistência cultural** diante do crescente domínio tecnológico e suas implicações éticas na Ciência da Informação.



A relevância desta elaboração está em entender a IA não apenas como uma ferramenta tecnológica, mas como um **novo marco epistêmico** que redefine as bases do conhecimento e do poder. Ao conectar as ideias de Foucault com os desafios contemporâneos da Ciência da Informação, este estudo pretende oferecer uma perspectiva crítica e reflexiva sobre como lidar com as transformações que a IA impõe à organização do saber, ao controle informacional e à subjetividade.

Nesse cenário, o objetivo é a elaboração teoricamente, criticamente e filosoficamente à luz foucaultiana do que nominamos como novo marco epistêmico para a inteligência artificial, os objetivos foram modulados especificamente em: a) relações de força versus força-homem; b) forças de fora e forças da finitude; c) forças do silício e forças do carbono; d) finitude e infinitude: o rompimento da relação vida e morte produzido pela inteligência artificial; e e) informação (substituição de coisas) e Corpo (fora da existência, excluído do campo da comunicação). A investigação tem como percurso metodológico ensaio acadêmico de cunho teórico, com pesquisa bibliográfica, argumentação e análise crítica amparado nos atos de procedimentos da ruptura, da construção e verificação conceituais elaborando as ideias a partir

dos teóricos Michel Foucault (1992), Deleuze (1992, 1997), Guattari (2016, 2012), Burton *et al* (2017), Blanchot (2005), Berardi (2020).

## 2 FALTOU FALAR DA HISTÓRIA

Quando Michel Foucault (1992) discute as palavras e as coisas no livro que o tornou famoso em 1996, apresenta no final do livro que faltava falar da História. O autor se pergunta por que a História só foi tematizada no século 19, já que ela é tão antiga quanto a memória humana em sua função de "... memória, mito, transmissão da Palavra e do Exemplo, veículo da tradição, consciência crítica do presente, decifração do destino da humanidade, antecipação do futuro ou promessa de retorno" (Foucault, 1992, p. 384).

Conclui o autor que o homem não se constitui como sujeito da história, senão pela superposição da história dos seres, da história das coisas, da história das palavras. Uma tese revolucionária para uma concepção histórico-cultural, que tem no homem a sede de significação dos seres, das coisas e das palavras.

O autor discute a produção de conhecimentos nos últimos quatrocentos anos, começando na Renascença, passando pelo período clássico dos séculos XVI e XVII, até desembocar na tomada de consciência da finitude do século XVIII; neste século encontramos, de um lado Kant, apresentando os limites da razão e de outro, as empiricidades como vida, trabalho e linguagem, agora tomados como as novas forças da finitude provocando o nascimento da biologia, da economia política e da linguística.



Não é pouco para um percurso arqueológico do saber, tanto mais que ainda veremos surgir, na teorização foucaultiana, as Ciências Humanas no século XIX. E, como ainda está fazendo uma ontologia do presente, irá lançar, no final do livro, indicações importantes da composição das forças no seu século XX.

O percurso de quatro séculos cartografado em quase quatrocentas páginas contém várias novidades teóricas, aqui destacamos as relações de força notadas por Deleuze (2005) no ano de 1996, na sua interpretação-homenagem a Foucault em livro homônimo.

No volume intitulado 'Foucault' Deleuze destaca o princípio geral do pensador que é: toda forma é um composto de forças. A partir desta constatação, Deleuze escreve um capítulo final sobre a morte do Homem e o Super Homem, onde parece-nos estar a chave para a compreensão das teses sugeridas por Foucault em "As palavras e as coisas".

Por estarem fora do campo da psicologia e fora dos humanismos (aliás a crítica ao humanismo constituirá a novidade teórica comum entre eles), esses autores preferem as noções de força e forma às funções psicológicas superiores das abordagens histórico-culturais.

As forças agenciadas produziriam as formas, sempre provisórias do mundo. Daí a forma-Homem, em Foucault, ou a forma-prisão em Vigiar e Punir (Foucault, 1987) que por extensão falará também na forma-escola ou na forma-hospital.

## 3 A CARTOGRAFIA DOS QUATRO SÉCULOS

Em um brevíssimo olhar na cartografia traçada por Foucault n'As palavras e as coisas' aprendemos que o período renascentista concebe a produção de conhecimentos através das quatro figuras da similitude, em que a semelhança até o final do século XVI, tem um papel construtor no saber da cultura ocidental. Na semelhança de tudo com tudo, o mundo desta época se repete infinitamente. (Foucault, 1992, p. 36).

O conhecimento do século XVI é limitado e tem na adição a única forma possível entre os elementos do saber. Daí sua monotonia, diz o gesto foucaultiano, e sua erudição. No final do século 16 e início do século XVII o saber da semelhança articula quatro figuras (conveniência, emulação, analogia e simpatia).



Deixemos para o leitor saborear a prosa do mundo quinhentistas, na erudição poética de Michel Foucault, para passarmos agora ao século XVII, denominado Barroco. Aqui, o pensamento cessa de se mover no elemento da semelhança. Descartes já está aí para recusar a figura solta da semelhança e para exigir a identidade dos seres, apenas quando for possível identificar as diferenças dos seres, apenas quando for possível identificar as diferenças entre eles. Desse modo, a hierarquia analógica do século XVI é substituída pela análise cartesiana e o jogo infinito das similitudes conta agora com os limites da ordem e da medida, as duas categorias da ciência e do espírito cartesiano de todo o século seguinte.

Os arquivos, catálogos, repertórios e inventários no final do século XVIII representam uma sensibilidade nova ao tempo, agora o tempo como passado ou história. O repertoriar o mundo é a forma dos homens seis e setecentistas de tocar o infinito. É quando o conceito deleuziano de forças entram em relação com as forças de elevação ao infinito. O composto das forças clássicas no homem não é uma forma-Homem, mas é a forma-Deus.

A forma-Deus é composta por todos os autores do século XVII, pois todos eles tentaram nos dizer algo sobre Deus. Por isso, a representação e a produção do conhecimento no século XVII se fazem como a de uma representação infinita.

Estamos mais próximos agora da síntese que queremos destacar na composição das forças entre Foucault e Deleuze. Os autores possibilitam-nos entender que, a partir do século 19, as forças do Homem entram em relação com novas forças do fora, agora as forças da finitude. Lembremo-nos que a filosofia kantiana é uma analítica da finitude, pois, para Kant podemos pensar no Infinito, desde que isto não se confunda com o pensamento das empiricidades, a única que a razão pode conhecer.

Contudo, o Eu transcendental se pensa ao pensar as condições de possibilidades de conhecer a experiência. O aparecimento das ciências humanas no século XIX deve-se ao fato que essas estariam situadas em um espaço gerado entre a analítica da finitude de Kant e as empiricidades consolidadas nesta época como biologia, economia política e filologia.

Portanto, vida, trabalho e linguagem são as forças da finitude. Deleuze (2005) as considera como tripla raiz da finitude a provocar o aparecimento ou nascimento da biologia, da economia política e da linguística nos oitocentos. Mas aqui vem a enorme novidade de Foucault destacada por Deleuze (2005 p. 135):

> [...] enquanto nos diziam apenas que o homem toma consciência de sua própria finitude, sob causas historicamente determináveis, Foucault enfatiza a necessidade de distinguir dois momentos fundamentais. Primeiramente, as forças externas ao Homem capturam as forças da finitude, e somente então ele as reconhece como sua própria condição finita. É nesse processo que o conjunto dessas forças se organiza para formar o que Foucault chama de "forma-Homem".



Esse reconhecimento marca uma ruptura na ordem de representação infinita, que agora se vê ameaçada. A partir do século XIX, nos encontramos submetidos às forças finitas do eu empírico. "É a dobra que agora domina," segundo a terminologia de Foucault (Deleuze, 2005, p. 137). Essa concepção da finitude humana, proposta por Foucault, provocou grande impacto na década de 1960, especialmente entre humanistas, existencialistas e a geração de fenomenólogos seguidores da fenomenologia dos três H (Hegel, Husserl e Heidegger). Ao pensar uma filosofia da história ou uma história da filosofia sem a teleologia hegeliana e sem os pressupostos cientificistas das epistemologias, Foucault está inaugurando uma nova metodologia na construção do saber humano: a arqueologia das ciências humanas pensada agora via epistemes distintas, sem prolongamentos de uma episteme a outra.

Com a tese das forças do fora dobrada sobre nós, Deleuze parte para a formação do futuro, dando mais cores às teses foucaultianas sobre a morte de Deus aos nos dizer que atribuir a morte de Deus a Nietzsche (1844-1900) seria desfigurá-lo uma vez que Feuerbach (1804-1842) foi o último pensador da morte de Deus.

Deleuze faz então um comentário muito interessante: “as próprias forças da finitude fazem com que o homem só exista através da disseminação dos planos de organização da vida (...) incluindo também a dispersão das línguas e a disparidade dos modos de produção” (Deleuze, 2005, p. 139).

Como mencionado as forças do homem entram em relação com novas forças, as chamadas forças de fora findando a cartografia dos quatros séculos trazendo o componente da infinitude, não para o corpo, pois este aparentemente composto pelos conceitos de conjunto e conexão fica fora da experiência estética da existência; “estar com” não é “estar no”, fazer “parte de”!

## 4 AS INDICAÇÕES DA REUNIÃO DO DISPERSO

Em suas páginas finais, Deleuze nos (re)conduz às teses centrais do Foucault de “As palavras e as coisas”, dizendo-nos que Foucault como Nietzsche deixou-nos indicações discretas do que será o homem do futuro e que, de fato, não poderia ser mais que indicações. Nietzsche sinalizou o super-homem como aquele que pode libertar a vida aprisionada pelo homem; “(...) o super-homem é aquele que liberta a vida dentro do próprio homem, em proveito de outra forma (...)”. (Nietzsche, 2007, p. 140).



Já Foucault sinaliza a literatura do século 19 como aquilo que poderia reunir o ‘ser da linguagem’ para além do que ela designa e significa. Mas para Deleuze talvez fosse preciso estender o privilégio que Foucault atribui à literatura também para a vida e o trabalho. Deleuze entenderá que o trabalho e a vida só puderam se reunir no desdobramento à economia e à biologia. Deixamos para o leitor as últimas sínteses de Deleuze já presentes em Foucault, dada a importância que elas têm para pensarmos o nosso século 21 em sua multiplicidade midiática-informacional: a biologia salta para a biologia molecular, vale dizer, a vida dispersa se reúne no código genético e o trabalho disperso se reúne nas máquinas de terceira geração, cibernética ou informáticas.

É quando Deleuze fala das superdobras produzidas pelas forças do Homem com as forças do fora. Em nossa contemporaneidade essas forças novas do fora ou da natureza com as quais o Homem compõe as suas resultariam em uma nova forma-Homem. Seria o super-homem de Nietzsche? Afinal o super-homem é um Homem que decorre de uma nova relação de forças.

Aquilo que estava presente em Foucault recebe, nas últimas páginas do livro de Deleuze, um tratamento especial: é quando Deleuze menciona as forças do silício de nossa contemporaneidade (em abundância na natureza) se vingando das forças do carbono da

modernidade. Pensemos apenas nas possibilidades informáticas da contemporaneidade e nas próteses transformando nossos sentidos, sentimentos e corpos para imaginarmos essa outra forma-Homem em que estamos nos tornando. Da mesma forma, as forças dos componentes genéticos de nossa contemporaneidade se vingam das forças do organismo moderno e as forças dos agramaticais contemporâneo se vingando do significante.

A maneira como nos relacionamos com as forças do fora, hoje, não é mais através das forças de elevação ao infinito como nos séculos 16 e 17, nem através das forças de finitude trazidas pela alta modernidade, mas é, segundo Deleuze, as forças de um "... finito ilimitado, onde um número finito de componentes produz uma diversidade praticamente ilimitada de combinações" (Deleuze, 2005 p. 141).

Em uma pergunta que nos parece sábia, Deleuze lança sua flecha perguntando-nos se o finito-ilimitado, ou a super dobra de nossa contemporaneidade, não seria o que Nietzsche já delineava como o eterno retorno?

## 5 O FINITO ILIMITADO



Estudiosos da filosofia não tiveram dificuldade em identificar o finito ilimitado e a nova forma-super-homem proposta por Deleuze com a propaganda recente da Volskwagem em que a cantora brasileira Elis Regina ressurge viva (Saflate, 2023); seguindo a premonição de Benjamin, na luta contra o capital, "Se perdermos, sequer os mortos estarão a salvo" Não por acaso, Saflate intitula seu artigo Vampiros e capital gerando comentários importantes de Roca (2023) ao dizer que as máquinas vampirizam a personalidade.

A inteligência artificial é o fora, é aquilo que está fora do pensamento. Não é mais a forma-Deus ou a forma-Homem que nos afronta, agora são os combates e guerras no interior da ilimitação possível. E como diz Orlandi (2000, p.5) "sem que se saiba de antemão se a potência de ilimitar se dará para o bem ou para o mal do ponto de vista da vida em sua alterabilidade".

A Inteligência Artificial rompe esta relação de vida e morte ao reproduzir infinitamente a finitude da vida. A inteligência artificial e todo o automatismo a sua volta torna-se o mais novo marco epistêmico da contemporaneidade. Como conviver com ele? Guattari (2012) Berardi (2020) e a dupla Foucault-Deleuze oferecem pistas que nos conduzem ao 'ser da linguagem'. Antes de explorar a saída pela linguagem, tem-se experimentado também uma volta ao cânone das três teorias éticas no quadro da filosofia ocidental, a exemplo de Burton *et al.* (2017).

Professores de ética nos cursos americanos de IA, a exemplo de Burton *et al.* (2017) propõem que analisemos, junte aos estudantes, a) a ética das virtudes de Aristóteles, bem como b) a ética dos deveres na deontologia de Kant com o imperativo categórico e c) o utilitarismo inglês nas figuras de Jeremy Bentham e Stuart Mill. De fato, a análise das três éticas oportuniza vantagens e desvantagens comparativas diante de temas contemporâneos como a IA. Os autores utilizam três filmes (Robot & Frank, Ex Machina e Terminator 2) nos quais pode-se discutir sobre as responsabilidades dos sistemas de IA, junto a estudantes.

O filme Robot & Frank exibe passagens curiosas e a grande questão é que o robô foi programado para proteger e ajudar o idoso Frank em suas necessidades cotidianas. Eis que Frank tem um passado de ladrão de joias e um presente de pequenos furtos em lojas que visita. O Robô não consegue perceber que 'roubo' fere a virtude aristotélica da honestidade. Que dirá a virtude da justiça! Quando ambos realizam passeios e compras, e Frank não consegue furtar alguma peça da loja, o Robô o faz por ele, sem que a lojista perceba. No limite o Robô incentiva Frank para os grandes roubos do passado. O filme termina com Frank se fazendo a grande pergunta aristotélica da ética das virtudes: 'que tipo de pessoa eu quero ser?'. Aristóteles (*apud* Cruz, 2020 p. 592) divide as virtudes em intelectuais: sabedoria, inteligência, bom-senso, justiça e em virtudes morais que são a generosidade e a temperança.



A ética das virtudes (também conhecida como ética teleológica) é focada em fins ou objetivos e diferencia-se da ética kantiana que está baseada nos deveres, portanto nas intenções de nossas ações. A deontologia kantiana distingue-se do utilitarismo que despreza as intenções e concentra-se nas consequências das nossas ações. A questão básica do utilitarismo é "o que é o maior bem possível para o maior número?". Um subconjunto do utilitarismo, o consequencialismo, particularmente o "utilitarismo de regras", justifica uma norma social contra o roubo em termos das consequências a longo prazo para a sociedade. Recentemente o ministro da justiça brasileiro Ricardo Levandowiski, ao noticiar a captura de presos fugitivos da prisão de segurança máxima no município de Mossoró (RN) demonstrou seu pesar para noticiar a prisão dos fugitivos. No noticiário televisivo, o jornalista corrigiu o ministro dizendo que a prisão dos detentos foi triste para os próprios detentos, mas foi bom para a sociedade. Se há acerto na lógica usada pelo jornalista, o questionamento sobre prisões brasileiras superlotadas de jovens predominantemente negros permanece adiado tanto para o ministro quanto para o jornalista.

A mesma argumentação do jornalista pode ser usada na análise do filme Robô & Frank, pois há aspectos imperceptíveis para o Robô programado e preocupado apenas com o bem-estar

do idoso Frank. Mas claro que reabilitar a capacidade do roubo de Frank deixa-o satisfeito embora tal infração desorganiza a sociedade como um todo.

A abordagem utilitarista oferece inúmeros insights e vantagens para algoritmos que são comumente usados na web e na vida cotidiana. Mas, os estudiosos da economia política da informação têm evidenciado que a captura de nossos dados em processos de navegação na web não é honesta e nem justa favorecendo o desenvolvimento de uma subjetividade maquínica em nós e aumentando enormemente o lucro das plataformas digitais nesta fase do capitalismo de plataforma em que vivemos (Dantas; Raulino, 2020).

As três éticas do cânone filosófico ocidental não são necessariamente mutuamente exclusivas e muito pode-se depreender da tradição filosófica no tema da Inteligência Artificial. A pesquisadora Burton *et al.* (2017) que estamos comentando sobre a trilogia ética apresenta extensa bibliografia no tema com interessantes aportes também para os cursos de Ciência da Informação.

## 6 O SER DA LINGUAGEM



O que Michel Foucault entendeu com a expressão ‘o ser da linguagem’ no item sobre a reunião do disperso? A expressão vem de Blanchot (2005), autor comum nos textos de Foucault e Deleuze, embora em cada um o ser da linguagem aparece em especificidades próprias, mas em ambos só se atinge o ser da linguagem através da literatura. Ambos os filósofos rondam textos literários como se ali houvesse algo fundamental para a compreensão do próprio pensar.

Almeida (2003) e Levy (2011) explicitam, cada uma à sua maneira, o ‘ser da linguagem’ em ambos os filósofos franceses. A primeira prefere expõem a individuação de Simondon para analisar o impessoal na obra de Deleuze. A segunda aprofunda Maurice Blanchot, mas ambas abrangem ‘o ser da linguagem’ tanto em Foucault quanto em Deleuze.

O ser da linguagem refere-se, pois à ‘experiência do fora’ (Levy, 2011). Fora e longe do sujeito que escreve; a morte do autor em Foucault e Barthes tem a ver com esse encontro da linguagem com o seu ser. Pois a noção de autor e obra já tinham sido essenciais no período clássico (após a longa indiferença do período medieval) mas agora no início do século XIX era preciso reunir a dispersão de sentidos e funções da linguagem; linguagem essa que já não mais representa ou designa o mundo, mas ao contrário, cria seu próprio mundo. As palavras do texto literário não são mais representativas; se a noção de episteme sugeria ordem que organiza e sujeita as diferenças de uma determinada época, será a literatura com seus personagens e enredos que irão reunir o ser da linguagem no apagamento do sujeito-autor e na impessoalidade

que a noção de acontecimento trará ao enredo literário. Falaremos então da universalidade do impessoal na literatura. Ou o 'esplendor do impessoal' como prefere Deleuze (1997, p. 13). Neste enredo fictício, veremos os personagens desobedecerem ou transgredirem as normas sociais, através de mundos fora do mundo real. A ficção toca no ser da linguagem pois faz aparecer uma outra versão do mundo. "O fora é exatamente esse outro de todos os mundos que é revelado na literatura" (Levy, 2011, p. 26). Não se trata de um mundo além ou aquém do nosso, mas de um mundo que se permite novo através da criação, da invenção. O fora não é um lugar onde a literatura se constrói, mas é a própria literatura. Ao descrever a paixão do fora, Levy (2011, p. 29) esclarece que a literatura não se dá num espaço exterior ao mundo, mas ela é um mundo 'sem interior oculto onde o escritor é aquele que perdeu o mundo e que também se perdeu'. Pois como diz Deleuze (1997, p. 13): "a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer EU (o 'neutro' de Blanchot)".

É que o fora como experiência estética funda-se no estremecimento do cogito cartesiano, como esclarece Levy (2011, p. 39). Esse desaparecimento da primeira pessoa é a condição para o escritor falar na terceira pessoa contando a história dele ou dela. Em nome de 'um povo que falta' na expressão de Guattari (2016, p.25). Nem tanto falar para um povo, mas diante de um povo que ainda está por vir. A experiência 'do fora' em Deleuze aproxima-nos de um 'plano de imanência' que é sempre pré-individual e pré-subjetivo, antes das formas e, portanto, prenhe de virtualidades. Blanchot vai falar na impossibilidade da literatura n'O livro por vir' (Blanchot, 2005 *apud* Levy, p. 32) pois é como se tudo no romance ainda estivesse por acontecer. Portanto 'o fora' em Deleuze tem a ver com um plano virtual de pensamento e remete, em sua atualização a uma travessia, a um caminhar, tanto mais que sua filosofia esboça sempre uma geofilosofia. Almeida (2003, p. 121) sugere a poesia de João Cabral de Melo Neto para evidenciar a impessoalidade do agenciamento formado pelo retirante e pela trajetória e suas vicissitudes. 'Um trajeto é assim uma individuação sem sujeito que conduz personagem e meio por uma via impessoal'. O poema descreve a viagem de um sertanejo chamado Severino, que sai de sua terra natal em busca de melhores condições de vida e quase morre de tantos desafios no corpo a corpo com a natureza seca em meios a rios interrompidos entremeados por mortes, rezas, enterros e cemitérios. Desanimado, Severino recupera as forças apenas com o nascimento de um bebê, uma criança-severina renovando o espírito cansado de nosso herói. A saga severina lembra o texto deleuziano "Imanência, uma vida" em que nos é apresentado um personagem-canalha à beira da morte fazendo aparecer uma vida afastada do sujeito que ele é. Vida sem sujeito, vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal. Nos comentários de Almeida (2003, p. 123) a vida severina é também 'uma vida longe do indivíduo, da memória e

dos estados subjetivos' fazendo atingir esse plano de imanência pré-subjetivo. E mais: 'o poeta é tomado por esta porção do mundo' no qual todos os elementos como 'os rios, as pedras, os sertões, os bichos ... o calor intenso, tudo são elementos que se prendem neste agenciamento do qual o escritor é apenas um agente mas não autor' (Almeida, 2003, p. 125).

O início do poema ao relatar o Severino que fala de si e de muitos ('O meu nome é Severino... como há muitos Severinos, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco...') suscita o comentário de Almeida (2003, p. 126) sobre tal coletividade. Trata-se de um agenciamento coletivo que faz de Severino, ele mesmo uma população, uma multiplicidade de gente em terra seca com seus barulhos, vozes e sensações que compõem o texto poético. O impessoal aponta para uma 'virtualidade que os extrapola e conecta para além do individual e do meramente coletivo'.

Outro primor de impessoalidade na literatura é praticado por Menalton Braff (2020). O espaço onde se desenrola o enredo é o Vale do Rio dos Sinos, (RS) lugar em que se dá o embate entre o morro e a planície (várzea), cerne dos conflitos pois revela a luta inglória dos solitários habitantes do morro infértil, cravado de pedras, e o sonho de habitar a várzea, menos inóspita; circunstâncias levam Nicanor e Florinda habitarem o morro e com o tempo, Florinda se afeiçoa ao lugar e não sairá mais de lá (mesmo quando o marido a abandona). E sozinha, se sentirá acompanhada dos ventos, do cão que guarda o território enquanto o cavalo atravessa o território, conectando lugares distantes. Então os animais estão aí compondo este grande sertão do sul do país. O autor nos faz ver as aves na chegada com picada de cobra coral e os bois da carroça na viagem ao morro Caipora enquanto as galinhas vão caçando minhocas sem muita participação humana em seu cotidiano. Enfim, a existência na terra supõe a existência de outros seres que não apenas aquele ser, para muitos escolhido por Deus, o ser humano. É que o escolhido, o animal humano, está destruindo o planeta o que fez com que prestássemos mais atenção a esses outros seres semoventes. E, também, nas plantas e árvores que não se movem muito por fora, mas se movem por dentro, retiram substâncias da terra, realizam fotossíntese e jogam no ar outros gases que fazem toda a diferença em nosso planeta e em nossa existência. O final do livro emociona porque a filosofia quando tornada uma geofilosofia, ou seja, uma filosofia da Terra (Deleuze ,1992, 113) explica que o morro de Caipora não é apenas um morro. Tanto quanto Florinda não é apenas uma mulher. O angico onde ela quer ser enterrada não é apenas uma árvore. Morro, mulher, árvore e animais são elementos heterogêneos que fazem uma síntese, ou uma relação, que não é uma relação qualquer. Na filosofia chama-se relação disjuntiva, pois reúne elementos díspares. Relação disjuntiva e conectiva ao mesmo tempo. Estes elementos estão ligados como numa rede ou num rizoma. Portanto a lógica não é de uma

simples união. Algo se passa no meio deles. Este algo produz um excesso a tal ponto que podemos dizer que Florinda é uma mulher, mas não apenas isto. Se ela sair dali ela se torna outra coisa muito diferente do que quando está ali.

O mais interessante é que podemos dizer o mesmo do morro Caipora. O morro tampouco será o mesmo se a mulher sair dali. Pois o morro também exprime à sua maneira, todo o universo à sua volta. Cada existente contém todo o infinito do mundo, mas só pode se expressar por um ponto de vista. O morro é um ponto de vista do universo. Tanto quanto Florinda. O corpo humano não é uma simples biologia e a montanha ou do morro não é uma simples geologia. Na relação, estes corpos humanos e não humanos, tornam-se outros diferentes de si mesmos se estivessem fora desta relação.

Hoje estamos falando em decolonialismo: o corpo da mulher, do indígena, do negro, dos imigrantes são corpos que estamos sempre querendo colonizar. Descolonizá-los é também aceitar outros modos de vida que não os cristãos quando chegaram nas Américas. Talvez quiséssemos que Florinda viesse morar na várzea, colonizando-a em um certo modo de vida. É certo que Florinda não é mais uma mulher igual a mulher da várzea. São várias naturezas. E por isto não precisamos lamentar que ela vai ficar sozinha, pois ela mesma explicou que ali ela conversa com as plantas e os bichos. Ela não deixou de ser uma mulher. Mas agora, ‘não apenas isto’ como é a expressão da antropóloga Cadena (2014): *’human but not only’*. Florinda é ao mesmo tempo, humana e não humana. Tanto quanto os pássaros com os quais conversa. Ou o angico, a árvore que também agora integra uma rede de humanos e não humanos, ao mesmo tempo.



## 7 A INSURREIÇÃO DA LINGUAGEM

Não é por acaso que a expressão cunhada por Berardi (2020) relaciona o capitalismo financeiro como uma asfixia sugerindo como possível saída a insurreição da linguagem através da poesia. A poesia excede o significado das palavras, já que a linguagem não conhece restrições. Berardi (2020, p. 138) exalta a poesia de Hölderlin, o filósofo do idealismo alemão que, diferentemente de Hegel não procurou o conceito como unificador do mundo, mas as palavras ritmadas em forma de poesia. Tendo o ritmo como categoria ontológica para significar não apenas ‘emissões vocais ou som dos objetos, mas também as vibrações do mundo’. Concluem que ‘o ritmo é a vibração mais interior do cosmo. E a poesia é uma tentativa de harmonização com essa vibração, com essa vibração temporal que chega, chega e chega”.

A tese central de Franco Berardi é que o intelecto geral (expressão que podemos traduzir como inteligência coletiva) esta inteligência coletiva está empobrecida por falta de corpo, de corporificação, uma vez que a capitalismo atual se expressa por signos linguísticos, numéricos e imagéticos. Portanto, abstrações ou imaterialidades. O capitalismo atual entra na matematização da linguagem algorítmica. E, portanto, nos signos assignificantes.

Aqueles códigos que não nos dizem nada, mas mexem na nossa vida: são os índices da bolsa de valores, os índices de risco das agências internacionais sobre os países, os valores bancários que transferimos de uma conta para outra, índices inflacionários, enfim, índices que são impostos pela política econômica neoliberal. Portanto impostos pela violência e crueldade das políticas neoliberais. O esvaziamento e quase destruição das universidades com pesquisas voltadas apenas ao mercado, também compõem o quadro do empobrecimento do '*general intelect'*.

Para fugir a isto, Berardi propõe que façamos a distinção entre conjunção e conexão. Estamos conectados, mas não necessariamente conjuntos e o corpo importa, a voz importa, o cheiro importa, as cores e as qualidades primárias importam, a vibração afetiva e corporal, a libido de todos nós importa na vida diária da raça humana e de outras raças.



Como trazer o corpo novamente à existência. Seja o nosso corpo, seja o corpo dos animais e das plantas com suas cores e sonoridades? E especialmente com uma temporalidade adequada ao corpo, ao cérebro. Berardi passa um tempo no livro falando do tempo acelerado das informações abstratas em rede e o ritmo próprio do nosso cérebro que roda em outra velocidade. De tal maneira que quanto mais informações estiverem disponíveis naquela forma indicial, abstrata e veloz menos sentido terá para nós que temos corpo e, portanto, precisamos de mais tempo para absorver as informações abstratas e maquínicas da semiotização do capitalismo financeiro atual.

Se, no tempo de Marx, a abstração capitalista referia-se ao trabalho abstrato que englobava todas as atividades humanas, fosse o trabalho de um ferreiro ou de um alfaiate, Franco Berardi identifica várias camadas da abstração por meio do conceito de semiocapitalismo; camadas adicionais de abstração no trabalho digital contemporâneo.

Destacamento aqui a interoperabilidade das máquinas informacionais; por exemplo, um catálogo coletivo de bibliotecas precisa de protocolos comuns entre as máquinas para responder em qual biblioteca determinado livro está disponível, ou uma loja como a Estante Virtual precisa de protocolos comuns entre as livrarias para que possa relacionar onde o livro pode ser comprado. Assim, a abstração digital envolve essa segunda camada de interoperabilidade entre máquinas informacionais. Berardi então observa que, nesse contexto, a informação substitui as

coisas, e o corpo é excluído do campo da comunicação. A terceira camada de abstração é a matematização da linguagem financeirizada.

A noção de Caos está presente no filósofo italiano e seu vocabulário deriva da teoria do caos, mas é importante que distingamos a noção científica do Caos da noção filosófica do Caos. Por exemplo os fractais, o tempo fractalizado, a indecibilidade ou indeterminação, a própria caosmose de Félix Guattari que Berardi explora tão bem através da análise dos ritornelos e dos ritmos são traços de uma abordagem filosófica do caos.

Berardi (2020) recomenda que não é bom brigar tanto com o caos. Porque o caos é maior que a ordem. É preciso prudência ao nos relacionarmos com o caos. E nunca pensar que podemos eliminar o Caos. Se consultarmos o verbete caos na Wikipédia veremos que a teoria do caos nasce nos anos 60 e o famoso efeito borboleta foi elaborado por um meteorologista que estudava as massas de ar: Lorenz é o nome do americano que escreveu as equações de movimentos caóticos ou imprevisíveis. O caos tem a ver com acaso ou imprevisibilidade ou indeterminações. Como diz Deleuze e Guattari "o que caracteriza o caos (...) é a velocidade infinita com que as determinações se esboçam e se apagam" (1992, p. 59). Dez anos após Lorenz ter trazido as equações dos movimentos caóticos, um matemático polonês, Mandel Brot, plotou os gráficos do caos, gráficos muito bonitos que impressionam pela beleza, parecendo aqueles cavalos marinhos coloridos e cheios de movimento pois trata-se de uma geometria fractal (termo criado por ele), formas que se repetem de tamanhos variados. Há fractais na natureza como as folhas de uma samambaia, ou o pinhão na pinha da árvore do sul brasileiro chamada Araucária. São estruturas que se repetem, dividindo-se de maneira quase idêntica, os fractais.



Pois bem o Caos existe e nos ronda, quem sabe é tudo o que nos ultrapassa. A mesma teoria do caos diz-nos que há uma ordem na desordem do Caos. Falamos que a teoria do caos se esboça nos anos 60 e 70 e podemos acrescentar outro nome, o de um químico russo naturalizado belga, Ilya Prigogine, Nobel de química em 1977, falando do fim das certezas e de uma nova ordem que nasce da desordem.

Com esta noção de Caos como algo equivalente a incertezas ou imprevisibilidades, Franco Berardi adentra o livro de Felix Guattari 'Caosmose' (2012) para explicar que a caosmose é uma troca necessária que fazemos com o caos, através dos ritornelos ou gestos repetitivos (gestos físicos ou linguísticos ou sonoros e musicais). O ritornelo é o nicho da sensibilidade em que podemos criar o cosmos a partir do caos.

Se pensarmos no jogo dos pratos como o 'boomerang', aquela repetição de jogar pratos ao ar livre obedece a um ritmo de lançamento e retorno dos pratos. Uma pilha de pratos se vai

e outra se forma na volta dos pratos. Mas o ir e o vir tem um ritmo que dá a ludicidade e graça ao jogo. A noção do ritornelo guattariano tem esse movimento de ir e vir. Precisamos de ludicidade e graça no jogo da existência, no dia a dia da nossa vida. Ser ético para os autores filosóficos fora do cânone da tradição ocidental tratados aqui como Blanchot, Foucault, Deleuze, Guattari e Berardi é resistir aos automatismos algorítmicos na insurreição da linguagem de nosso semiocapitalismo financeiro, o mais novo marco epistêmico da Inteligência Artificial. Além das três teorias da ética apontadas por Burton *et al.* (2017) seria produtivo considerar também os autores fora da tradição filosófica como os apresentados aqui.

## 8 CONECTANDO À CRÍTICA DA IA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A aproximação das ideias de Michel Foucault ao campo da Ciência da Informação inspira outros teóricos, não apenas Deleuze em livro homônimo, mas como vimos, autores italianos na expansão daquelas ideias. Além de Franco na interpretação de Guattari, encontraremos Lazarrato (2014, p. 72) numa crítica poderosa para compreender as transformações provocadas pelas semióticas das práticas informacionais contemporâneas. Foucault, ao explorar as relações entre poder, saber e discurso, fornece um framework teórico para questionar como as tecnologias de IA estão moldando novas formas de conhecimento e organização da informação.



Em "As Palavras e as Coisas", Foucault traça a evolução dos sistemas de pensamento ao longo dos séculos, destacando como as mudanças nas estruturas epistemológicas moldaram a forma como o saber é produzido e organizado. No contexto atual, a IA representa um novo marco epistêmico que desafia as categorias tradicionais de conhecimento ao introduzir formas de processamento de informações que operam fora das capacidades humanas tradicionais. A aplicação dessas ideias à Ciência da Informação pode contribuir ao mapeamento crítico das transformações que estão ocorrendo na organização, acesso e curadoria da informação em um mundo cada vez mais digital e automatizado (Foucault, 1992).

A crítica foucaultiana ao humanismo também é relevante para a Ciência da Informação, particularmente no que diz respeito ao papel da subjetividade humana na mediação da informação. Principalmente se aproximarmos as semióticas mistas de Guattari discutidas por Lazzarato (2014, p. 72); a sujeição social que nos dá identidade (sou cientista da informação, sou diretor de escola, sou gerente financeiro e tantas outras profissões) e ao mesmo tempo, quando navego na internet, torno-me servo ou peça de um maquinismo que me faz objeto de uma servidão maquínica com sua respectiva perda de identidade. Explica Lazzarato que são

duas formas de subjetivação que operam juntas. À medida que algoritmos e sistemas automatizados substituem ou suplementam a tomada de decisões humanas em bibliotecas, arquivos e centros de informação, navegamos entre ser e não ser quem somos.

A noção de "ontologia do presente" de Foucault, que busca entender as condições de possibilidade do presente, pode ser utilizada para analisar como as tecnologias de IA estão reconfigurando as realidades informacionais. Por exemplo, a maneira como os algoritmos de IA moldam a curadoria digital – como metadados e estruturas de banco de dados – reflete a ideia foucaultiana de que "toda forma é um composto de forças". Essas formas digitais não são neutras, mas sim moldadas por forças sociais, políticas e econômicas que influenciam quem tem acesso à informação e como essa informação é usada.

Além disso, a ‘insurreição da linguagem’ em Berardi assim como ‘o ser da linguagem’ em Foucault podem ser vistos como uma forma de resistência às estruturas de controle algorítmico e à abstração tecnológica na Ciência da Informação. A defesa da diversidade cultural e da pluralidade de vozes na curadoria informacional é crucial para evitar a uniformidade imposta pelos sistemas automatizados. Assim, práticas que promovem a preservação de formas alternativas de conhecimento, como poesia e literatura, podem ser vistas como formas de resistência cultural que se opõem à lógica dominante da IA.



A aplicação da "arqueologia do saber" de Foucault à análise de algoritmos permite desenterrar as bases históricas e culturais desses sistemas, revelando os pressupostos ideológicos embutidos neles. Essa abordagem crítica é essencial para entender como os algoritmos que governam as práticas de IA na Ciência da Informação influenciam o acesso ao conhecimento e a maneira como a informação é organizada e disseminada.

Nesse sentido, a ética no uso da IA na Ciência da Informação deve ser problematizada não apenas com o cânone filosófico de Aristóteles, Kant e Mil (Burton *et al.,* 2017) mas também com os autores que vão além do cânone, como os franceses e seus divulgadores italianos. A incorporação de discussões sobre ética nas práticas de gestão da informação é crucial para garantir que as tecnologias de IA sejam utilizadas de maneira que respeite a dignidade humana e promova a justiça social.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encadear a arqueologia do saber com as mudanças que a IA introduziu, o texto teve a pretensão de expor uma análise teórica, crítica e filosófica da existência dessas tecnologias na produção, organização e disseminação do conhecimento.

Novas formas de poder e saber surgem a cada mudança da episteme. A IA, como nova episteme, se desloca contra as estruturas convencionais e levanta questões relativas à subjetividade, o papel da intermediação humana e as novas formas de governo da informação.

Aponta que é crucial preservar e permitir o florescimento de formas de conhecimento que não possam ser reduzidas ou homogeneizadas por processos técnicos. A poesia, a literatura e todas as outras formas de cultura representam meios de preservação das formas de resistência a processos abstratos e desumanizantes que são ainda preservados pela IA.

Desse modo, reforça-se a necessidade de abordar, crítica e reflexivamente, a aplicação das tecnologias de IA na Ciência da Informação. É imperativo, em última análise, a integração da ética no campo informacional e a retração epistemológica dos sistemas automatizados como passos críticos para orientar a aplicação da IA da maneira correta e em consonância com a dignidade humana. Portanto, o pensamento filosófico apresentado mostra-se uma ferramenta útil para a revelação das várias dimensões de poder e saber que estruturam as práticas informacionais na era da IA.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **Estudos deleuzianos da linguagem**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

BERARDI, F. **Asfixia:** capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. São Paulo: UBU, 2020.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRAFF, M. **Além do rio dos sinos**. São Paulo: Reformatório, 2020.

BURTON, E.; GOLDSMITH, J.; KOENIG, S.; KUIPERS, B.; MATTEI, N.; WALSH, T. Ethical considerations in artificial intelligence courses. **AI Magazine**, *[s. l.]*, v. 38, n. 2, p. 22-34, 2017. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1609/aimag.v38i2.2731. Acesso em: 24 jun. 2026.

CADENA, Marisol de la. Runa: human but not only. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, London, v. 4, n. 2, p. 253-259, 2014. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.14318/hau4.2.013. Acesso em: 24 jun. 2026.

CRUZ, Jorge S. Ética das virtudes: em busca da excelência. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 99, n. 6, p. 591-600, nov./dez. 2020. Disponível em: https://revistas.usp.br/revistadc/pt_BR/article/view/173129. Acesso em: 24 jun. 2026.

DANTAS, Marcos; RAULINO, G. D. B. Trabalho da audiência e renda informacional no Facebook e no YouTube. **Revista Eptic (online)**, Aracaju, v. 22, n. 1, p. 123-141, jan./abr. 2020. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/155394. Acesso em: 24 jun. 2026.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **O que é Filosofia**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida**.** *In:* DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. !34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 6. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. (Epistemologia e pensamento contemporâneo, 3)

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 32. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

GUATTARI, F. A entrevista como maquinação. *In:* UNO, K.; SANTOS, L. G. **Guattari**: confrontações. São Paulo: N-1 edições, 2016.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2. ed. São Paulo: Ed. !34, 2012.

LAZZARATO, M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

LEVY, T. S. **A experiência do fora:** Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesias completas**: 1940-1965. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Martin Claret, 2007

ORLANDI, Luis. **Que estamos ajudando a fazer de nós memos?.** 2000. Disponível em: https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/orlandi/que_estamos_ajudando.pdf. Acesso em: 10 abr. 2026.

ROCA, Stefano. Quando as máquinas vampirizam a personalidade. **Outras Palavras**, São Paulo, 27 out. 2023. Disponível em: https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/quando-as-maquinas-vampirizam-a-personalidade. Acesso em: 10 abr. 2026.

SAFLATE, Wladimir. Vampiros e capital. **Revista CULT**, São Paulo, 17 jul. 2023. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/sobre-vampiros-e-capital. Acesso em: 10 abr. 2026.